

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

REQUERIMENTO Nº , DE 2018

(Do Sr. BACELAR)

Requer a realização de Audiência Pública da Comissão de Educação para celebrar e debater os 50 anos do livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire.

Senhor Presidente da Comissão de Educação:

Requeiro, com fundamento no art. 255 do Regimento Interno, a realização de audiência pública com o objetivo de celebrar os 50 anos do livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire e debater esta importante obra. Para tanto, sugere-se que sejam convidados os seguintes expositores:

- Ana Maria Araújo Freire – conhecida como “Nita Freire” – escritora, Mestre e Doutora em Educação, ex-mulher de Paulo Freire;
- Moacir Gadotti - educador brasileiro e professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, desde 1991, e diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo;
- Lisete Arelaro - Mestre em Filosofia e História da Educação pela Faculdade de Educação da USP (1980), Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da USP (1988). É Professora Titular do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da FEUSP e, atualmente, é Diretora da Faculdade de Educação da USP (gestão 2010/2014);

- Mario Sergio Cortella - filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro;
- Daniel Tojeira Cara - educador, cientista político e ativista político brasileiro. É coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. É membro do Conselho Universitário da Universidade Federal de São Paulo.

JUSTIFICAÇÃO

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.

Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.”

É dessa forma que Paulo Reglus Neves Freire, nascido e criado em uma das regiões mais sofridas do Brasil, procura justificar a existência e necessidade de seu “Pedagogia do Oprimido”, que completa 50 anos em 2018.

Escrito durante o exílio, quando morava no Chile, em 1968, o livro é considerado a obra mais completa e importante de Paulo Freire. Traduzida em mais de vinte idiomas, tornou-se referência para o entendimento da prática

de uma pedagogia libertadora e progressista. Nela estão os temas que sustentam a concepção freireana: conscientização, revolução, diálogo e cooperação.

Paulo Freire é o pensador brasileiro mais reconhecido internacionalmente, um dos grandes nomes da educação no mundo. *Pedagogia do Oprimido* é a terceira obra mais citada em trabalhos da área de ciências humanas, segundo um levantamento feito no *Google Scholar* - ferramenta de pesquisa dedicada à literatura acadêmica - pelo professor Elliott Green, da *London School of Economics*. Green analisou as obras mais citadas em trabalhos disponíveis nessa ferramenta, criada em 2004, que é desde então uma referência crescente para pesquisas acadêmicas¹.

Outra evidência recente da disseminação dessa obra como literatura de destaque internacional está registrada no projeto *Open Syllabus*². *Pedagogia do Oprimido* foi o único livro brasileiro a aparecer na lista dos 100 títulos mais pedidos pelas universidades de língua inglesa consideradas nesse levantamento, que reuniu mais de um milhão de programas de estudos de universidades dos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia para identificar quais são os livros mais solicitados em suas ementas. O livro de Paulo Freire aparece em 99º lugar no ranking geral, com 1.021 citações em programas. Já no campo da Educação, a obra figura em segundo lugar, perdendo para *Teaching for Quality Learning in University: What the Student Does*, de John Biggs³.

Celso Rui Beisegel, no artigo “Das quarenta horas de Angicos aos quarenta anos da Pedagogia do Oprimido”⁴, explica que a obra foi concluída em Santiago do Chile, no segundo semestre de 1968, e sistematiza e aprofunda reflexões sobre a libertação dos homens e a situação de opressão. “Este livro era, ao mesmo tempo, continuidade e anúncio de renovação”. Isto porque se beneficiou da experiência de alfabetização em Angicos, no Rio Grande do Norte,

¹ <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/06/04/Paulo-Freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo> Consultado em 25.04.2018

² <https://opensyllabusproject.org/>

³ <https://www.paulofreire.org/noticias/435-livro-de-paulo-freire-%C3%A9-o-%C3%BAnico-brasileiro-em-top-100-de-universidades-de-l%C3%ADngua-inglesa> Consultado em 25.04.2018

⁴ Em aberto, v. 26, n.90, p.95-103, jul/dez 2013.

em 1963, e todo o contexto conturbado da década de 1960 aprofundaram seu diálogo como uma educação problematizadora.

Beisegel também destaca as repercussões quase imediatas provocadas pelo livro e registradas pelo próprio Paulo Freire.

“Em Pedagogia da esperança (1992), Paulo Freire examina as consequências da publicação da Pedagogia do oprimido em suas atividades posteriores:

‘[...] aparecida em Nova York, em setembro de 1970, a Pedagogia começou imediatamente a ser traduzida em várias línguas, gerando curiosidades e críticas favoráveis, umas; desfavoráveis, outras. Até 1974, o livro tinha sido traduzido ao espanhol, italiano, alemão, holandês e sueco e tinha uma publicação em Londres, pela Penguin Books. Esta edição estendeu a Pedagogia à África, à Ásia e à Oceania. O livro apareceu numa fase histórica cheia de intensa inquietação.’

Acontecimentos marcantes, tais como os movimentos sociais e as reações à guerra do Vietnã nos Estados Unidos, movimentos sociais na Europa, novas ditaduras, movimentos de libertação, guerrilhas, agitações estudantis, seriam estas, entre outras,

‘ [...] com um sem número de implicações e de desdobramentos, algumas das tramas históricas sociais, culturais, políticas, ideológicas que tinham a ver, de um lado, com a curiosidade que o livro despertava, de outro, com a leitura que dele se faria também, de sua aceitação. De sua recusa. De críticas a ele feitas. (...) Em seguida às cartas e às vezes com elas, iam chegando convites para discutir, debater pontos teórico-práticos do livro. Não raro, recebia em Genebra, por um dia ou mais, ora grupo de estudantes universitários, acompanhados do professor que coordenava um curso ou seminário sobre a Pedagogia. (Freire, 1992, p. 121-122). ’⁵

⁵ <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2398/2358>

Como se depreende desses pequenos extratos a que recorremos para fundamentar o Requerimento, a realização desta audiência pública, que celebra os 50 anos de obra fundamental na literatura humanística nacional e homenageia seu autor, tem enorme relevância para a educação brasileira, e, sobretudo, para nossa história e para a preservação da memória de nossos grandes homens públicos.

Refletir, debater e disseminar as ideias de Paulo Freire, quem sabe, ajude-nos a evitar situações como a que vivemos o ano passado, quando foi necessário empreender grande esforço e energia em defesa do legado desse grande educador e da manutenção do seu título como Patrono da Educação Brasileira.

Por todas essas razões, solicitamos o apoio dos nobres pares para a aprovação deste Requerimento.

Sala da Comissão, em de de 2018.

Deputado BACELAR